

APRESENTAÇÃO

ESTE LIVRO DÁ AO LEITOR mostras das razões por que Marie-Hélène Brousse se tem consolidado como referência internacional, reconhecida para além do Campo freudiano, no qual se inscreve, e fora do próprio campo da psicanálise, em que atua há muitos anos como psicanalista em Paris. O rigor e a originalidade do seu ensino, presentes nestes escritos, são marcas de um estilo singular que enfrenta os paradoxos da transmissão da própria psicanálise.

Mulheres e discursos revela o alcance do seu vasto repertório, afinado aos tempos atuais, mas sem se restringir ao tema, sempre atual e candente, das mulheres e do feminino, que *ex-siste* a despeito dos deslocamentos dos movimentos feministas ocorridos em nossa civilização. Ao iluminar esse tema, a autora ensina, não somente ao psicanalista, como estar à altura da subjetividade da época e conhecer “a espiral” que nos arrasta no século XXI.

Em cada capítulo, o leitor poderá constatar que se trata de escritos sobre a época, nos quais a psicanalista tece sua leitura dos impasses que assolam o sujeito contemporâneo. E por estar em jogo, sobretudo, uma questão de leitura, ela discorre sobre o que significa *ler* em psicanálise, extraindo das passagens de Jacques Lacan pelos filósofos um saber sobre a posição do leitor que convém ao psicanalista. Como proceder na leitura, que é sempre subjetiva e implica a transferência, seja esta positiva ou negativa, esclarecida ou negada?

A arte de saber ler a época requer, de entrada, abandonar a utopia de que a psicanálise seja uma visão de mundo, a *Weltanschauung* a que Freud fazia objeção. Não há o mundo, senão discursos, assim como não há uma ontologia da mulher, senão mulheres como um fato de linguagem. Mulheres, não sem discursos. São as lições de Lacan extraídas da experiência psicanalítica sobre o sujeito da linguagem, carente em sua *falta a ser* e sujeitado ao discurso que o governa.

Marie-Hélène Brousse serve-se assim da força epistêmica da “disciplina de reviramento”, da psicanálise como o avesso do discurso do mestre, que evidencia a potência do significante regendo a vida de um sujeito, e abraça a incessante tarefa, de *a* a *z*, bem como necessária ao psicanalista, de recenseamento do que há de novo no discurso do mestre contemporâneo.

Num mundo sem centro, no qual a segregação se conjuga no plural, produzindo novas angústias e novos sintomas, e da ciência aliada ao império da estatística, que põem em marcha significantes mestres inéditos, modificando, entre tantas outras experiências, as da maternidade e da paternidade, não sem consequências para os “filhos da ciência”, estes novos fetiches do consumo, a psicanálise está em condições de responder aos impasses contemporâneos em proliferação. É o que a autora demonstra com afinco, valendo-se da psicanálise como convém, “realista no sentido do real”, segundo a leitura que faz de Jacques-Alain Miller, ou seja, tomando o discurso ao pé da letra, na sua materialidade depositada no sintoma e despojada de todo sentido religioso e saudosista.

Aqui, como não poderia deixar de ser, a arte de saber ler conjuga-se com a arte de bem dizer própria à psicanálise,¹ o que a autora, certamente tomada por sua própria “paixão crítica”, explora com vigor capítulo após capítulo. Com generosidade, traz vinhetas de sua clínica, mas também fala de sua posição analisante, à qual sempre volta, de acordo com os princípios éticos da psicanálise, suficientemente advertida dos restos sintomáticos que exigem do psicanalista a supervisão constante da sua própria posição subjetiva.

Na tarefa contínua de bem dizer um modo de gozo singular que permanece, o feminino que *ex-siste* apesar das identidades que não repousam ali onde se pretendem, Marie-Hélène Brousse conta suas anedotas e recolhe um saber vivo produzido no lugar vazio recortado entre a causa analítica e as tantas disciplinas e temas atuais sobre os quais se debruça.

Nas passagens sobre as mulheres, que não escapam à querela do gênero e das identidades, a autora elucida a complexidade implicada na noção de “corpo de mulher”, abrindo vias de investigação delineadas a partir das incidências das mutações do discurso do mestre contemporâneo numa clínica por construir, e que incluem as novas formas de homossexualidades femininas e as versões atualizadas da histeria nos tempos do UOM.

1 Cf. MILLER, Jacques-Alain. “Ler um sintoma” (2011). Disponível em <https://ebp.org.br/sp/ler-um-sintoma/>

A autora discorre, ainda, sobre as lágrimas e o sangue, esses “fluidos femininos por excelência”, entre outros tantos objetos das mulheres, como aqueles que inspiram o dom do amor, os loucamente desejados, os escondidos, mas também os perdidos, os invejados e até os arrebatados, brindando o leitor com o brilho mágico da lantejoulas em sua fina análise dos objetos libidinais que os ditames da moda sabem explorar. Mas não sem a localização de um objeto precioso, estranho e inclusive angustiante em causa no cerne do funcionamento libidinal do sujeito, o objeto *a*, que o captura ali onde, mesmo na “sociedade da transparência” e dos desvarios da identidade, ele não se reconhece.

Que a porta de entrada para o leitor seja aquela que o convoque a pôr algo de si nas passagens das quais, certamente, poderá extrair um ensino à altura do legado de Jacques Lacan.

Maria Josefina Sota Fuentes